

## Tradições

### Origem das Gentes e Tradições da Terra

Os colonos que se fixaram na charneca, após 1850 (como já referimos), formaram as Fazendas ou Foros de Almeirim e os Foros de Benfica. Instalaram-se nas terras cedidas pelos latifundiários ou pelo município, mediante o pagamento de um foro ou de uma renda. Passaram a chamar-se Fazendeiros, após a constituição das Fazendas ou dos Foros.

Desbravavam e cultivavam a terra, em regime de parceria, eram principalmente vitivinicultores.

A mulher tinha um importante papel no trabalho familiar, na orientação dos filhos e na organização dos trabalhos da casa agrícola. Chegava do trabalho ao pôr-do-sol, fazia a ceia, cozinhava na “burra de ferro” ou na trempe. Lavava a roupa no alguidar e na “tripeça” e preparava o farnel para o outro dia. As filhas ajudavam na lide doméstica: lavavam a loiça, varriam a casa e o quintal, passavam a ferro (este era aquecido sobre brasas; mais tarde, tinha um recipiente para as colocar, eram os “ferros de galo”). No fim da colheita recebiam uma peça de roupa para o enxoval, um fio ou uns brincos de ouro.

Os rapazes tratavam da besta, davam-lhe a palha e a ração, mudavam a cama do animal, preparavam as ferramentas e os utensílios de trabalho. Não tinham ordenado, recebiam algumas moedas ao domingo ou na altura da Feira da Piedade, um par de botas de sola de pneu e uma samarra.

### A Habitação

#### Século XIX

A habitação típica era a casa térrea, de rés-do-chão, de uma porta, ladeada por duas janelas. A estrutura era simples: um corredor a meio, com divisões de cada lado. Havia ainda a adega, com um portão largo para a entrada da carroça e os lagares, seguidos dos tonéis de madeira (mais tarde depósitos de cimento armado, aéreos ou subterrâneos).

A cozinha era no quintal, tinha uma grande chaminé, cozinhava-se numa caldeira em cima de uma trempe de ferro, com lenha de cepa. Na matança do porco servia de fumeiro para as chouriças, morcelas e farinheiras, que eram a base da alimentação. Existia



## A Habitação

ainda um alpendre com forno para cozer o pão e um poço (com sistema de roldana, com corda e um balde de zinco para puxar e trazer a água). Ao fundo do quintal havia o palheiro para o animal, a arrecadação do feno e da palha, outro para os utensílios e para a carroça e ainda a capoeira dos galináceos e o rodeio dos porcos.

Devido às suas tradições vamos falar do casamento: chegada a data, começavam os preparativos para a festa do casório.

A boda era em casa dos pais da noiva. Eram as moças (solteiras, familiares e amigas) que faziam o convite às famílias, distribuindo pratos de arroz-doce, em cestos de verga tapados com panos bordados pela noiva, ou em tabuleiros de madeira.



Aos noivos, as raparigas ofereciam lembranças, tais como jarros de vidro, pratos, canecas de loiça e molduras. Os rapazes davam meio carneiro e os casados davam um carneiro inteiro, animais que eram cozinhados para o banquete. Os familiares e amigos que limpavam e caiavam as casas e anexos e faziam as mesas compridas e os bancos de madeira, para a boda. As loiças eram emprestadas por todos.

## O Casamento



A noiva era vestida pelos padrinhos (os mesmos do batismo): o vestido era confeccionado em casa da madrinha por uma costureira; não podia faltar o véu. O noivo usava calça justa e colete de fazenda preta, jaqueta de alamares, camisa branca pregueada no peito, de colarinho com abotoadura para botões de ouro e cinta preta. No colete pendurava um relógio de ouro com corrente, normalmente emprestados pelo avô. Calçava botas-de-elástico pretas e usava chapéu de abas largas e copa alta.

Todos os convidados se esmeravam apresentando os seus melhores trajes. Às fazendeiras não faltava o carrapito, a trança e os caracóis, feitos com um garfo quente! Faziam-se transportar até à igreja de charretes ou carruagens. A da noiva (que era acompanhada pelo pai até ao altar), era pintada de amarelo vivo. A mãe da noiva ficava em casa, preparando a boda. Esta durava, no mínimo, três dias!..

## A Adiafa

No fim da vindima, depois de recebido o salário, as vindimadeiras ofereciam a bandeira aos patrões, cantando versos, feitos a preceito. Recebiam então a adiafa. Esta palavra deve ter origem no árabe “diafa” ou “addyãfa”; usada noutras regiões, no Ribatejo significa não só a oferta da bandeira por parte dos trabalhadores, como a gratificação, prenda em tecido ou em vestuário ou oferta de refeição, por parte dos patrões.

A adiafa é uma festa popular de cada rancho (mulheres vindimadeiras e homens do lagar), que começa com a feitura da bandeira e com a vindima. A bandeira ia à frente do cortejo, das vinhas até à casa do patrão. Tocavam harmónio, gaita de beijos e castanholas de cana. Na altura da oferta cantavam a cantiga da adiafa e acabavam com jantarada e baile em que participavam todos. O baile era acompanhado pelo canto das raparigas e podia ser animado por acordeão.



**A nossa bandeira é linda**

**E foi feita òs sarões**

**Foi o que pudemos fazer**

**P'ra oferecer òs nossos patrões**

*(Almeirim)*

**Boa tarde meus patrões**

**Vimos agora a chegar**

**Aqui está nossa bandeira**

**Faz favor da aceitar.**

*(Fazendas de Almeirim)*

**Acabamos a vindima**

**Cortamos a uva tinta**

**Vão os foguetes p'ró ar**

**Vai a bandeira p'rá Quinta**

*(Benfica do Ribatejo)*

## O Casamento

As bandeiras da adiafa podem ter tido origem nos costumes de trabalhadores de localidades da Beira Baixa próximas do Ribatejo, que vinham para a apanha da azeitona e para as vindimas.

De acordo com as suas formas podem distinguir-se vários tipos de bandeira: de painel, de pendão, de armação revestida e “verónica”.

Havia ainda bandeiras feitas apenas com arcos cruzados, como uma esfera armilar, sem o equador nem os trópicos.

As estruturas de arame, cana ou vides eram decoradas com flores e folhas de papel de cores alegres, pano e até meias velhas. Nas de painel e de pendão, a armação suportava uma base de papelão, coberto com pano ou papel. Tinham desenhos com cenas da vindima ou do lagar, eram enfeitadas com balões e até imagens de santos; também podiam apresentar as iniciais dos nomes dos patrões ou dos filhos e a data do fim da colheita. Um dos motivos mais usados era o coração. Muitas bandeiras incluíam quadras populares.

Ainda hoje se chama bandeira à cana ou ramo de oliveira que é espetado na última carrada de uvas.

## Traje Tradicional



*Desenhos de Fernando Veríssimo*

## Traje Tradicional

O Traje que o agrupamento da Casa do Povo envergava era particularmente usado em dias de Festas, quando se cantava e bailava, nos momentos de alegria que eram marcados pelo final das vindimas, das ceifas ou de outras atividades campesinas. A estas atividades do campo está ligado todo o folclore, recolhido na área do concelho, pelas pessoas de mais idade que viveram esses momentos.

O traje tradicional das raparigas era composto por: saia vermelha pregueada, casaco de rabo-de-bacalhau, avental com rendas ou bordado, lenço de merino e de ramagem; sobre a anca direita tinham uma pequena bolsa rústica para pôr o lenço e os objetos de uso pessoal. Calçavam chinelas pretas e meias brancas de carapuço, feitas à mão. Os rapazes vestiam calça preta e camisa branca pregueada no peitilho; usavam colete, jaqueta, cinta e barrete, tudo preto. Calçavam sapatos de prateleira.



Os trajos de festa traduziam os momentos de alegria do povo, quando se libertava da dureza do quotidiano e se exprimia pela dança ou através das canções.



Para o trabalho o traço era mais sóbrio, de acordo com as tarefas do campo, as diferenças climatéricas e as possibilidades económicas da época e de cada um.

## Instrumentos Tradicionais

No concelho de Almeirim sempre se usaram alguns instrumentos musicais comuns a outras regiões, como os ferrinhos e o acordeão. Destacam-se, contudo, as castanholas de cana e a "quarta" tradicional pelas suas características locais. Hoje em dia ainda são acompanhantes do canto. Como instrumentos de percussão directa, são batidos por pancada ou por entrechoque de dois elementos vibrantes.

No caso das castanholas é o jeito hábil da mão do tocador que imprime determinado movimento na cana. O seu comprimento não é maior que o de uma flauta vulgar, é aberta no topo, com um rasgo até meio, a

## Instrumentos Tradicionais

formar batente. Toca-se com pancada seca sobre a extremidade inferior, produzindo som por batimento. Eram decoradas a preceito, com fitas coloridas, sulcadas a canivete ou pintadas. Apesar de ser um instrumento bastante simples não existe noutras zonas do país.



*Castanholas de cana*



*Flautas*



*Reque-reque*

A "quarta" é um instrumento que se leva sob o braço esquerdo e sobre cuja boca se bate com um abano. A diferença relativamente a outras regiões é que neste instrumento de percussão (em vez do cântaro ser de barro) aqui a vasilha é de folha.



E quem não se lembra dos instrumentos de folha, de madeira e de barro, que se vendiam nas feiras? Posteriormente feitos em plástico, acabaram por cair em desuso.



Como noutros locais, existiam os que são considerados instrumentos-brinquedos e quinquilharia: pequenos objectos feitos por crianças ou para elas, como gaitas, assobios, cornetas, mum-muns, reque-reques, guizos e chocalhos.

Improvisados com materiais vegetais, ramos, varas ou paus rachados ao meio e com palhetas vibratórias, construídos em cana, madeira, caules verdes de trigo ou de centeio, lata, argila, foram ainda recuperados por pequenas oficinas artesanais.

## Brinquedos Tradicionais

Muitos dos brinquedos e brincadeiras de outros tempos são parecidos com os de outras regiões. Feitos de materiais como madeira, papelão, barro, cana, metal, pano, transformavam-se em pião, bola de trapo, boneca, papagaio, carro de bois, avião, comboio e tantos outros...

Os brinquedos populares eram construídos pelas próprias crianças, com a sua imaginação e aproveitamento de desperdícios. Havia poucos recursos, reciclar e inventar estavam ligados: de simples carrasca de pinheiro, rolhas de cortiça e uma vela de jornal fazia-se um barco verdadeiro!

Havia “atiradeiras” (fisgas) “para ir aos pardais”, arcos e flechas, espadas, lanças, espingardas... Jogava-se à bola, às cinco pedrinhas, ao berlinde e abafador, ao rapa, à malha e bicho, ao arco com gancheta.



Era preciso arranjar ferro (para o arco: aros velhos das rodas das bicicletas ou dos cubos de rodas de carroça) e esferas de rolamentos, botões, bexiga de porco (bola), borracha, etc.

Aproveitavam-se pedaços de madeira, caixas de graxa, caricas, arames, cordel.

As bonecas eram de pano, trapos ou de pasta de papel. Pernas e braços podiam ser de cana. No cabelo usava-se lã ou barba de milho. Olhos, nariz e boca eram um traço de caneta, bordados ou com botões cosidos:

As casas de bonecas, de cartão, até tinham mobília: mesa e cadeiras, cama, fogão e utensílios de cozinha.



“A nossa boneca linda  
Toda feita de farrapos  
Cabelo, lã ou barba de milho  
Toda ela em farrapos”

“Sobre as andas caminhava  
Em passadas de gigante  
Nisso ninguém me ganhava  
Nem me punha o pé adiante!”

“Touradas de maravilha  
Com tourinas de madeira  
Pra espetar a bandarilha  
Sobre a corna de piteira.”

## Brinquedos Tradicionais

Muito frequentes ainda há poucos anos eram as andas, “uma maneira de ser alto com pernas de pau”: feitas com dois paus com cerca de 1,5 m, tinham apoio para os pés, por vezes reforçado com arames. Durante as cheias, quando a água entrava na Rua de Santarém, à Pontinha, era vulgar os rapazes usarem-nas.

As “carriças” são dos brinquedos mais característicos: um volante com rodas, com um eixo central em cana e arame, guiava-se como um carro “a sério”. A velocidade dependia da habilidade do “condutor”...

No Ribatejo também se brincava às touradas com a “tourina” (também chamada “tourinha”, “turina”, ou “toirinha).

Touradas de maravilha

Com tourinas de madeira

Pra espetar a bandarilha

Sobre a corna de piteira

As tourinas: feita de paus pregados (1 m por cerca de 40 cm), levava à frente dois chavelhos de boi e, a meio, um bocado de cortiça ou de piteira, para espetar as farpas (espinhos de palmeira). Era o touro. O cavalo era de pau ou de cana, com rédeas de guita. Imitava-se o cavaleiro, os capinhas, os forcados, o bandarilheiro...

## As Touradas

Almeirim é também famosa pelas suas corridas de toiros. Com larga tradição, realizam-se na sua temporada própria.

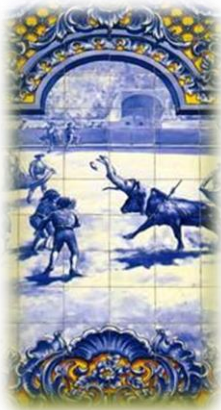
A “Monumental” foi inaugurada em 1954. Contudo, já em 1916 havia uma praça de toiros no local do Depósito de Água: em madeira, de redondel, foi substituída por outras, em vários sítios.

Houve ainda diversas praças improvisadas nos pátios e quintais de proprietários almeirinsenses. Os cavaleiros eram amadores e atuavam de graça.





## As Touradas



*Painel de azulejos, Mercado de Santarém*



*Início do séc. XX*

Os toiros, de raça portuguesa, eram cedidos pelas casas agrícolas. Nos dias dos festivais taurinos, Almeirim estava em festa: assistia-se à entrada dos toiros que iam pelas ruas até à praça, conduzidos pelos cabrestos e guiados pelos campinos. Nos anos 30 havia até um grupo de Forcados Amadores!

Existem atualmente duas Coudelarias: a dos Ribeiro Telles e a de Lima Monteiro. Nesta funciona uma Escola de Equitação, gerida pelo Eng.º Agrónomo, seu proprietário. Recentemente foi constituída uma Escola de Toureio, onde os jovens aficionados amadores aprendem os segredos das lides, sonhando um dia serem profissionais e abrihantar a Festa Brava.

